

Não era amor, era cilada **Uma abordagem sobre humor e o amor transferencial¹**

ANA NEJAR²

*É sabido que contra as paixões não valem
muito as palavras sublimes* (Sigmund Freud).

RESUMO: O humor como saída para assuntos delicados, o humor que transita por quase toda obra freudiana e que aqui costura um dos temas mais importantes da clínica: o amor transferencial. Este trabalho pretende apontar a leveza dada na abordagem freudiana a um sentimento pendular no tratamento, bem como esmiuçar o conceito de transferência, o impacto da resistência e contratransferência, com autores contemporâneos. Pretende, ainda, traçar um paralelo com um chiste enraizado na cultura brasileira, Não era amor, era cilada, a partir de uma canção dos anos 90.

PALAVRAS-CHAVE: Amor transferencial, contratransferência, resistência, humor, imago, libido, afetos, ponto de mira, terceiro analítico, Eu, Super-Eu.

Ao se deparar com um tema espinhoso, uma abordagem bem-humorada sempre será bem-vinda. Porque o humor abre sorriso antes mesmo de verbalizar o dito. Freud que o diga. Sua obra carrega uma música de fundo, densa no conteúdo e fluida na orquestração. Enraizado, tal refrão chiclete, o humor freudiano beira o sarcasmo, alivia uma chaga, disseca os afetos com maestria.

Quando o humor presente em Freud se manifesta em anedota, em ironia, em diálogos com um interlocutor imaginário, o leitor sente-se convidado a entrar e ficar. E quando o assunto é amor transferencial, então, encarna a máxima: pague para entrar, reze para sair.

Não existe paixão que não repita modelos infantis, adverte Freud. É com essa chave que ele abre a porta para um dos achados mais importantes da Psicanálise: o amor transferencial, abordado sem uma postura moralista ou alarmista. É a técnica que emerge diante da situação. Nem ao céu, nem à terra, é no equilíbrio e na percepção acurada que, nas palavras do próprio Freud, vemos a mola propulsora do trabalho em ação.

No seu ensaio de 1915, Observações sobre o amor de transferência, é possível encontrar um autor seguro, entusiasmado e divertido. Que mostra a importância de reconhecer que a paixão da paciente é induzida pela situação analítica, e não há, portanto, nenhum motivo para se orgulhar dessa conquista. Em um texto anterior, A Dinâmica da Transferência (1912) já dissipava as nuvens do nebuloso psiquismo:

Todo ser humano, pela ação conjunta de sua disposição inata e de influências experimentadas na infância, adquire um certo modo característico de conduzir sua vida amorosa. (...) É perfeitamente normal e compreensível, portanto, que o investimento libidinal de uma pessoa em parte insatisfeita, mantido esperançosamente em prontidão, também se volte para a pessoa do médico. (FREUD, Obras Completas, Volume 10. Cia das Letras. Págs. 134 e 136)

É com esse poder em mãos que Freud vai, passo a passo, abrindo caminhos, apontando o grande erro que seria rejeitar ou corresponder à ternura. Pior ainda, fazer com que o paciente reprima, renuncie ou sublime seus instintos, quando admite a transferência amorosa.

Não seria agir de maneira analítica, e sim de maneira absurda. Eis que já aponta a graça, fazendo o leitor desarmar-se após o safanão: Seria o mesmo que habilmente conjurar um espírito a sair do

mundo subterrâneo e depois mandá-lo de volta sem lhe fazer perguntas. (FREUD, Obras Completas, Volume 10. Cia das Letras. Pág. 217)

É nesta trilha pedregosa que Freud percebe a importância da transferência, aborda a resistência e as saídas possíveis na clínica:

É preciso cuidar para não nos afastarmos da transferência amorosa, não afugentá-la ou estragá-la para a paciente; e, também, abstermo-nos, de modo igualmente firme, de corresponder a ela. (...). O papel da resistência no amor de transferência é indiscutível e bastante considerável. Mas a resistência não criou esse amor; depara com ele, serve-se dele e exagera suas manifestações. (FREUD, Obras Completas, Volume 10. Cia das Letras. Págs. 220 e 223)

O tom sério, logo adiante, é quebrado pela divertida sinceridade:

Por outro lado, é penoso para o homem fazer o papel de quem recusa e rejeita, quando uma mulher solicita o amor e, apesar da neurose e da resistência, há um fascínio incomparável numa nobre mulher que confessa a sua paixão. (FREUD, Obras Completas. Volume 10. Cia das Letras. Págs. 225, 226)

Fascinante também é a costura freudiana diante de suas descobertas. Nota a nota, vai refazendo o mapa psicanalítico a partir da prática. Do quanto a imago paterna é associada à figura do médico/terapeuta, que a mesma figura pode despertar a necessidade de acolhimento, de ser a filha preferida ou o filho mais inteligente, ou reportar sentimentos nutridos por uma irmã, um tio, uma professora.

Portanto, é de um outro que se fala. E é por isso que a teoria sozinha não alcança a cura. Ao empreender a autoanálise, tentando descortinar os sonhos de forma isolada, por exemplo, haverá a lacuna, uma falta: a transferência. Como o próprio Freud metaforiza, seria o mesmo que darmos cardápios para os famintos em tempos de fome.

O psicanalista italiano e radicado no Brasil, Contardo Calligaris, dedicou ao tema um capítulo do seu livro *Cartas a um jovem terapeuta* (Editora Planeta, 2019)

Você pode ter carinho e simpatia por seu/sua paciente, mas transformar a relação terapêutica em relação amorosa e sexual é mais do que desaconselhado, porque a paixão transferencial em nada se difere de outra paixão. É como se a gente gostasse de bater em enfermo porque isso dá uma sensação de ser forte (...) O consultório do terapeuta tomado por essa fantasia se transforma num templo (ou num quarto de motel) onde as pacientes são chamadas a participar de ritos que celebram a potência do senhor. Esse abuso dos corpos produz estragos dolorosos porque se vale de uma oferta generosa de amor: Posto que você me ama, ajoelhe-se! É uma situação próxima à do abuso de uma criança quando os adultos que ela ama e em quem confia se revelam sedentos de demonstrar sua autoridade pelas vias de fato, na cama ou a tapas. Mas há terapeutas que realmente se apaixonam por uma paciente até casam. O curioso é que, em regra, os analistas que se apaixonam pelas pacientes que os amam são recidivistas. Eles se casam com várias pacientes, uma atrás da outra. Um psicanalista famoso de tanto casar com pacientes ganhou o apelido de Divã, o terrível. (CALLIGARIS, Pág. 91)

E na possibilidade de um amor surgir e se firmar? Calligaris avalia que, sim, é possível uma paixão se desdobrar e frutificar fora do setting. Entretanto, é categórico:

Todos sabemos que um verdadeiro encontro é muito raro e é compreensível que um terapeuta não faça prova da abnegação profissional necessária para deixar passar a ocasião. Mas, convenhamos, se esse tipo de encontro é tão raro, é difícil acreditar que possa repetir-se em série. Como diz o provérbio, errar é humano, perseverar é diabólico. Ou seja, pode acontecer uma vez na vida, a

partir de duas, a série é suficiente para provar que o terapeuta está precisando de terapia. (CALLIGARIS, Pág. 93)

DESTRINCHANDO CONCEITOS

Em 1923, quando Freud escreve *Psicanálise e Teoria da Libido, Dois Verbetes para um dicionário de sexologia*, enfatiza o papel da resistência na análise:

Se ainda for necessária mais uma prova para a tese de que as forças motrizes da formação do sintoma neurótico são de natureza sexual, ela ficará no fato de que durante o tratamento analítico normalmente uma relação afetiva especial do paciente com o médico, relação que ultrapassa a medida racional, que varia entre a mais tenra devoção e a mais dura hostilidade e que retira as suas peculiaridades de atitudes amorosas antigas do paciente, que se tornaram inconscientes. Essa transferência, que tanto em sua forma positiva como na negativa põe-se a serviço da resistência, torna-se o mais poderoso auxiliar no tratamento nas mãos do médico e desempenha na dinâmica do processo de cura um papel que dificilmente se pode exagerar. (FREUD, *Obras Completas*, Volume 15. Págs. 291 e 292)

E o que seria a resistência? Na visão de Nasio, em seu livro, *Sim, a psicanálise cura!* (Editora Zahar, 2017), é o medo de reviver, em plena consciência, um passado doloroso. Mas é também o temor de mudar, de ser outro diferente de quem sou e de não poder controlar o que acontecerá em seguida. Isso é a resistência, a crispação de um eu infantil que se debate contra o perigo de saber e de mudar. (NASIO, Pág. 56)

É de autoria de Nasio (*Como trabalha um psicanalista?* Editora Zahar, 1999) a expressão ponto de mira, que seria a produção comum de um só inconsciente na relação analítica, o momento de entrecruzamento entre paciente e analista, permitindo o fluxo de transferência e a contratransferência.

Na obra freudiana, a contratransferência é abordada em *A dinâmica da transferência e Observações sobre o amor de transferência*, porém, sem alarde, como apontam Laplanche e Pontalis, no *Vocabulário de Psicanálise* (Martins Fontes, 1982):

Depois de Freud, a contratransferência foi objeto de crescente atenção por parte dos psicanalistas, especialmente na medida em que o tratamento era mais compreendido e descrito como relação e, também, em virtude da extensão da psicanálise a novos campos (análise de crianças e psicóticos) em que as reações inconscientes do analista podem ser mais solicitadas. (LAPLANCHE E PONTALIS, Pág. 102).

Para os autores a transferência é definida como um processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada. (LAPLANCHE E PONTALIS, Pág. 514)

Em *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (Imago Editora, 2002) André Green amplia:

É uma reação à transferência em que o discurso do analisando produz efeitos de ressonância e de rejeição sobre o que foi insuficientemente ou mal analisado no analista, levando-o a compreender de forma incompleta e não imparcial – em suma, a enganar-se – aquilo que o analisando busca transmitir. (GREEN, Pág. 75)

Para Green, é preciso distanciamento e sangue frio por parte do analista. Aponta, empolgado, o trabalho de Paula Heimann, de 1950, onde a contratransferência é nomeada como consequência

de um desejo inconsciente do paciente de transmitir afetos que experimenta, mas não pode nem reconhecer, nem verbalizar.

É como se o aparelho psíquico do analista fosse alugado pelo paciente com o intuito de fazer chegar mensagens que ele não pode autorizar a reconhecer e decifrar sozinho. (GREEN, Pág. 77)

Para Thomas Ogden, a situação analítica é composta de três sujeitos em conversação inconsciente entre si: o paciente e o analista como sujeitos separados e o “terceiro analítico” intersubjetivo, criado pela integração do inconsciente do paciente e do analista, numa relação que mescla sonhos e devaneios de todos os envolvidos e, ao mesmo tempo, de nenhum deles.

A experiência do analista de vir a saber quem o paciente está se tornando é inseparável da experiência do paciente de vir a saber quem o analista é ou está se tornando, exprime o autor em Esta arte da psicanálise (Artmed, 2010).

Os sonhos sonhados pelo paciente e pelo analista são, ao mesmo tempo, seus próprios sonhos e devaneios e os sonhos de um terceiro sujeito, que é tanto o analista e o paciente quanto nenhum deles (OGDEN, Pág. 18).

BRINCADEIRA DE CRIANÇA

E se o amor transferencial é o caminho da cura e as palavras sublimes não podem conter uma paixão, o humor acolhe e centrifuga os afetos. A fonte de prazer irradiada pelo humor recebeu um ensaio freudiano em 1927. Para afastar um sofrimento, a abordagem do humorista retira o acento psíquico do Eu e o transpõe para o Super-eu, afirmava Freud, destacando que o humor é um dom precioso e raro.

O humor não é resignado, é rebelde, ele significa não apenas o triunfo do Eu, mas também do princípio do prazer, que nele consegue afirmar-se contra a adversidade das circunstâncias reais. (FREUD, Obras Completas. Cia das Letras, Volume 17. Pág. 325)

E o gracejo que o humor produz não é o essencial, tem apenas o valor de uma amostra; o principal é a intenção que o humor realiza, seja atuando sobre a pessoa mesma ou sobre uma outra: “Vejam, isso é um mundo que parece tão perigoso. É uma brincadeira de crianças, é bom para um gracejo!” (FREUD, Obras Completas, Cia das Letras. Volume 17. Pág. 330)

Lançada exatamente um século após a publicação de Estudos sobre a Histeria (1895), a canção Cilada (1995), do grupo de pagode Molejo (o mesmo do sucesso Brincadeira de Criança), virou hit nos anos 90, e seu refrão se consolida até hoje como chiste nacional para explicar os malogros do amor.

Composta por Delcio Luiz da Silveira e Ronaldo Silva, narra a história de um inocente e apaixonado. Relato que provavelmente receberia uma bela e bem-humorada interpretação freudiana.

Cilada

(Grupo Molejo)

Quase morri do coração

Quando ela me convidou

Pra conhecer o seu apê

Me amarrei, demorou

Ela me usou o tempo inteiro

Com seu jeitinho sedutor

Eu fiz serviço de pedreiro

De bombeiro, encanador
Inocente, apaixonado
Eu 'tava crente crente
Que ia viver uma história de amor
Quase morrendo de cansaço
Pálido e me sentindo mal
Me trouxe um uísque bem gelado
Me fez um brinde sensual
Aquele clima envolvente
Acelerou meu coração
Chegou um gigante de repente
Gritando "sujou, te peguei Ricardão"
Que cilada, desilusão
Ela me machucou
Ela abusou do meu coração
Não era amor,
Não era
Era cilada, cilada, cilada

¹Trabalho apresentado na Jornada de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul em 20 de novembro de 2021

²Ana Nejar é jornalista e candidata em formação no Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul

REFERÊNCIAS

CALLIGARIS, Contardo, *Cartas a um jovem terapeuta*. Editora Planeta do Brasil, 2019.

FREUD, Sigmund, *Observações Psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia [“O Caso Schreber”], artigos sobre técnica e outros textos [1911-1913]*. Tradução Paulo César de Souza, Companhia das Letras, 2010, Obras completas, volume 10.

FREUD, Sigmund, *Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos [1920-1923]*. Tradução Paulo César de Souza, Companhia das Letras, 2010, Obras completas, volume 15.

FREUD, Sigmund, *Inibição, sintoma e Angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos [1926-1929]*. Tradução Paulo César de Souza, Companhia das Letras, 2010, Obras completas, volume 17.

GREEN, André, *Orientações para uma Psicanálise Contemporânea*. Imago, 2008.

LAPLANCHE E PONTALIS, *Vocabulário da Psicanálise*. Martins Fontes Editora, 1982.

NASIO, J. -D, *Como trabalha um psicanalista?* Editora Zahar, 1999

NASIO, J. -D. , *Sim, a Psicanálise cura!* Editora Zahar, 2021.

OGDEN, Thomas, *Esta arte da Psicanálise*. Artmed, 2010.